

Uma Orquídea

Para o Papa

Oscar V. Sachs Jr. (*)

O PROFESSOR SALVADOR DE TOLEDO PIZA, cientista da Escola de Agricultura de Piracicaba, na década de 1950, era um grande contador de histórias. Menino, eu ficava no meu canto, embevecido, ouvindo os seus "causos", suas piadas, suas narrativas de viagem, no casarão da rua Bom Jesus, de meu tio Alberto Sachs e tia Branca, lá na noiva da Colina. Lembro-me bem dele contando de um general sulamericano, desses com o peito cheio de medalhas e rosetas, em visita à Luís de Queirós, recuando apavorado diante de uma caranguejeira mostrada na palma da mão, pelo professor, e ouvindo dele: "General, o senhor que comanda exércitos em batalha, tem medo deste bichinho?"

Pois ele também contava que, estando em Roma para um congresso científico, quis, como bom brasileiro, ver o papa - como ir a Roma sem ver o papa? Com muita tranquilidade, foi ao Vaticano e perguntou a um guarda-suíço (aqueles jovens da velha Helvetia, que por tradição e até por compromisso familiar, prestam serviços ao Papado, vestindo aquelas roupas levemente ridículas, medievais) como fazia "para ver o Papa". O guarda-suíço se encrespou: "Il papa, no! Sua Santità Il Papa!"

Eram tempos de Pio XII, um papa com cara de quem não estava gostando. Logo em seguida veio o simpático João XXIII que nunca recusaria um bom copo de vinho, menos ainda um gesto de caridade por seu semelhante. E depois dele veio Paulo VI, que antes da fumacinha branca era o cardeal Montini, e aqui eu paro, pois foi com ele a história do papa e da orquídea brasileira.



A *Sophronitis coccinea*, como todos sabem, inspirou a logomarca da OrquidaRIO

História que se passou com meu fraterno amigo Walter Filippetti, peninsular genuíno, cuja casa em São Bernardo do Campo frequentei muitas vezes, passando muitas horas falando de nossa paixão comum pelas orquídeas. Pois o Filippetti, que já atravessou o portão para o Grande Mistério, era um fantástico contador de histórias, desses que basta você provocar com uma perguntinha. E um dia eu lhe pedi que me contasse a caso da flor do papa, de que já ouvira falar.

E foi assim: São Bernardo (e o ABC todo) em outros tempos se caracterizava pela presença do imigrante italiano, acho que menos só em Roma, no Bixiga e no Quiririm. Eram chamados, os são bernardenses, de "ceboleiros", em permanente rivalidade com os "batateiros" de Santo André. Entre outras atividades, os italianos mantinham cantinas, especializadas em frango com polenta, naquela avenida

atrás da Volkswagen - por onde você vai à chácara do Sumio Nakashima -, hoje uma das maiores concentrações de bons restaurantes da Grande São Paulo.

O Filippetti tinha uma fábrica de harmônicas, as concertinas e entre uma venda e outra mantinha amizade com toda a colônia italiana. Lá no meio deles apareceu de visita a uns parentes um frei italiano, de quem não guardei o nome, acho que um franciscano, desses de sandália no pé, uma pessoa muito simples mas que era nada mais nada menos que o confessor do papa! Pois o papa, tido como infalível nas coisas da igreja, é, no mais, um ser humano comum, que há de ter seus pecadinhos, uma gulazinha, a vontade de torcer o pescoço de "un certo cardinale", a raiva de ter que atender outro político brasileiro, coisinhas assim.

O Filippetti teve, então, a idéia de mandar uma orquídea brasileira para o papa e o frei confessor se prontificou a levá-la. Nosso amigo preparou num vaso, com muito cuidado, uma touceira de *Sophranitis coccinea*, dali perto, da serra do mar, com muitas flores abrindo, acondicionou-as adequadamente e lá foi a plantinha de avião

para Roma, na bagagem de mão do frei. Naquele tempo as coisas eram mais simples, hoje poderia até ser crime (já está prescrito), no mínimo um pequeno pecado (já está absolvido).

No dia seguinte estava ela (soube-se depois) toda florida, uma das mais lindas orquídeas brasileiras, com aquele escarlate maravilhoso, na mesa de trabalho do papa Paulo VI. Contou mais tarde o frei-confessor, em outra visita, que o papa se emocionou profundamente. Mostrou a planta florida numa reunião da Cúria e comentou: "Lá longe, no Brasil, um cristão se preocupou em mandar de presente ao papa esta flor brasileira de tanta beleza!"

O velho amigo Filippetti mostrava a bênção apostólica que recebera do papa e chorava como uma criança ao contar essa história. E lá ficou a touceira de *Sophranitis coccinea* preparada pelo Walter Filippetti, enfeitando o orquidário do Vaticano e emocionando o papa. Ou, como o guarda-suíço, Sua Santidade o Papa!

(*) Caixa Postal 119 - 12010-970 - Taubaté, SP

Florabela - Orquídeas

**Reserva orquidófila em mata nativa recuperada.
Mata artificial de Dracenas, além de orquidários convencionais
Érico de Freitas Machado**



C.P.01-0841- CEP 29.001-970 - Vitória, ES.
Tel.:(027)227-6136.

46 anos de experiência na proteção de mais de 400 espécies nativas do Espírito Santo